

INTRODUÇÃO

Pregador não-violento da violência, indulgente com os outros, mas implacável consigo mesmo, caçador sem chumbo e sem fuzil de uma caça invisível que lhe escapa, com os pés voluntariamente achatados no solo, com a cabeça perdida em visões do futuro, assim me apareceu Nikos Kazantzaki cuja legenda já precedia nos tempos recuados do entre as duas guerras.

1924. Ele tinha quarenta e um anos e voltava de Berlim. Seus olhos estavam cheios dos atos de loucura — que o desespero engendra —, das mães que precipitavam seus filhos no rio para saltar em seguida por cima do parapeito, das longas marchas da fome, das charretes entupidas de dinheiro para ir ao padeiro ou ao sapateiro da esquina, e das reuniões clandestinas, em torno de um arenque defumado, destes jovens judeus famintos de Messias, clamando com toda a violência de seu sangue uma justiça iminente sobre esta terra, justiça da Bíblia.

No corpo fino, esbelto e disciplinado nos olhos ardentes, na dialética que sabia ordenar o caos, as pessoas depositaram sua confiança e era dele, acreditavam elas, que deveria vir a salvação...

Certamente, ele mesmo acreditou nisso durante um curto lapso de tempo, antes que a maldita razão-raciocinante, congênita aos gregos, viesse recolocá-lo na rotina. Ele abandonaria a arte, viraria as costas à beleza, renegaria seu último amor, Buda. Aprenderia um ofício manual para ser capaz de ganhar seu pão, e se poria em marcha. Começaria pela Grécia, por seu país natal, Creta, testando suas forças. Depois, alargaria seu campo de ação, e iria para a U.R.S.S. Sabia muito bem o que queria, tinha confiança em sua força; acharia as palavras para dizê-lo. Primeiro dever: ajudar a destruir este mundo injusto, indigno da alma humana... Segundo dever: criar o novo mito, colocar os soldados em formação cerrada para a reconstrução do Universo.